

## O CORPO PRODUTIVO NO MUNDO DO TRABALHO DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTES E LAZER

*Guereiros são pessoas.  
São fortes, são fágeis.  
Guerreiros são meninos  
no fundo do peito  
Um homem se humilha  
Se castram seu sonho  
Seu sonho é sua vida  
E vida é trabalho...  
E sem o seu trabalho  
O homem não tem honra  
E sem a sua honra  
Se morre, se mata...  
Não dá prá ser feliz  
Não dá prá ser feliz...  
Não dá prá ser feliz  
Não dá prá ser feliz...  
Não dá prá ser feliz...  
(Gonzaguinha)<sup>1</sup>*

Neste número a Motrivivência traz como reflexão filosófica a categoria Trabalho para pensar a Educação Física e suas atividades laborais no âmbito da chamada reestruturação produtiva. Trata-se de uma problemática amplamente investigada na sociologia do trabalho, e que por isso mesmo se traduz como questão de suma relevância

para a área, considerando o mundo da exploração do “mercado de trabalho”, tanto no âmbito formal (escolas), quanto não formal (academias, clubes, etc.).

A ementa que norteou a submissão dos artigos teve como conteúdo as seguintes formulações: Trabalho, Educação e Formação Humana; Educação Física, Esporte

---

1 Trecho da música “Um homem também chora” (guerreiro menino).

e Lazer e as metamorfoses do trabalho na atualidade; Dimensões da crise estrutural do capital e suas conseqüências para/na Educação Física, Esporte e Lazer; Precarização e exploração do trabalho na Educação Física, Esporte e Lazer; Neoliberalismo, sistema CREF/CONFED, Diretrizes Curriculares e a apologia ao “mercado de trabalho”; As relações entre saúde e trabalho no cotidiano dos professores e professoras de Educação Física; Formação Profissional, Mundo do Trabalho e Sindicalismo.

Os temas propostos resultaram, concretamente, em textos que contemplam os seguintes eixos investigativos: conceituação da categoria trabalho; trabalho e ontologia do ser social; trabalho e capital; trabalho e educação, trabalho e formação humana; trabalho e precarização; trabalho, Educação Física e “educação para além do capital”; Educação Física e mercado de trabalho; currículo e trabalho pedagógico; Educação Física e reestruturação produtiva; trabalho e diretrizes curriculares; trabalho e lazer; críticas ao sistema CONFED/CREF; Educação Física e

empreendedorismo; Educação Física e o mercado do trabalho do fitness (academias); Educação Física e educação no campo entre outros.

Há uma grande diversidade de conteúdos que podem vir a se constituir numa espécie de antologia sobre a problemática do trabalho na área. No entanto, reconhecemos existirem ainda algumas lacunas sobre essas questões, que precisam ser abordadas em outras edições, tais como: ginástica laboral, Educação Física, trabalho, saúde e a “intensificação do docente” nas universidades<sup>3</sup> e escolas<sup>2</sup>; licenciatura, bacharelado e mercado de trabalho etc.

Com base na ementa e nos textos publicados, esta edição, traz para o debate na área algumas questões já abordadas, de forma mais esparsa, em outros números da revista, porém dando destaque à categoria trabalho, e repercussões na Educação Física, Esporte e Lazer. Tal fato incita a debruçarmo-nos nas seguintes reflexões: críticas ao conceito de trabalho na ordem do capital, crise estrutural do capital, reestruturação produtiva. Além disso, faz-se necessário pensar nos

2 SILVA JÚNIOR, João dos Reis. **Trabalho intensificado nas federais: Pós-graduação e produtivismo acadêmico**. São Paulo: Xamã, 2009.

3 CODO, Wanderley (Coord.). **Educação, carinho e trabalho: Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar a falência da educação**. Brasília: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 2006.

conseqüentes desdobramentos no “mercado de trabalho” da área, cujas práticas sociais são engendradas pelos corpos produtivos que atuam nas escolas, clubes, academias e outras instituições educativas.

No plano filosófico e sociológico, o trabalho humano vem sendo amplamente debatido enquanto categoria central no processo de formação humana a partir dos elementos da ontologia marxista do ser social<sup>4</sup>. Esta nos permite explicar como nos tornamos seres humanos ao longo da história, tendo como eixo teleológico o trabalho. O homem, diferentemente dos animais, é o único ser que transforma a natureza, ao produzir as suas próprias condições de sobrevivência. Neste sentido, faz história ao produzir as suas condições de existência, que são transformadas pela sua própria ação. Este processo se verifica a medida que o ser social transforma a natureza quando nela investe para obter as condições objetivas para sua sobrevivência e, neste âmbito, é transformado por ela ou é transformado pelo seu próprio trabalho através das condições naturais sobre as quais age<sup>5</sup>.

A concepção marxista problematiza o trabalho em seu sentido

ontológico e histórico, compreendendo-o, de um lado, como ato de sobrevivência, podendo, se constituir num ato de emancipação (trabalho concreto), isto é, quando dirigido conscientemente para fins determinados, elaborados pelo intelecto e pela imaginação humana, em suma, como um ato de liberdade e criação livre do homem. De outro lado, pode ser um simples ato de sobrevivência, inconsciente e de caráter reificado e, por isso mesmo, um meio para obter um fim imediato, que se reproduz na vida cotidiana de maneira mecânica e alienada (trabalho abstrato). No entanto, sob a vigência do capitalismo, o trabalho tem sido para grande parte dos trabalhadores apenas um instrumento de luta pela sobrevivência, um meio e não um fim (trabalho socialmente necessário). Deste modo, o trabalho, no âmbito da divisão social classes, tornou-se meramente “meio de vida” para a grande maioria (proletariado) e “meio de acumulação de riqueza” para uma minoria que detém os meios de produção (burguesia). Disso, resulta todo o processo da luta entre capital e trabalho, que consiste na exploração da grande maioria da humanidade pelos detentores

4 NETO, José Paulo. **LUKÁCS**. São Paulo: Ática, 1992.

5 MARX, Karl. **O capital: Crítica da Economia Política**. Vol. I. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

do capital, que vivem às custas do trabalho alheio, do trabalho produtivo, alimentando-se da mais-valia ou o “valor a mais”, como forma de acumulação de riqueza<sup>6</sup>.

É no bojo da perspectiva ontológica e epistemológica, que o trabalho produtivo pode ser compreendido como trabalho humano abstrato e não como atividade humana vital e emancipatória. Portanto, trata-se do trabalho abstrato que opera no corpo social como “corpo produtivo”, isto é, corpo que trabalha com o fim único de trabalhar para manter-se e “satisfazer as meras necessidades necessárias” (Marx, apud Antunes, 1995, p. 126)<sup>7</sup>. O corpo do trabalhador é considerado produtivo à medida que produz capital, entra no circuito de mercadorias, realiza mais-valia, entra em circulação, e isto porque, no capitalismo, só é produtivo o operário que produz mais-valia para o capitalista, ou que trabalha para tornar rentável o capital<sup>8</sup>. Em suma, o corpo é produtivo porque é engendrado através da mediação entre o corpo biológico e o corpo social. O corpo produtivo, portanto,

se consolida na prática social, através da mediação entre o social e o biológico sob a égide do trabalho socialmente necessário, cujo fim único é trabalhar para manter-se e satisfazer as necessidades básicas e, conseqüentemente, produzir/trabalhar para tornar mais rentável o capital. Dito de outra maneira, o trabalho produtivo, no ponto de vista capitalista, cria valor e mais-valia ou “trabalho produtivo de mais-valia”<sup>9</sup>.

O corpo produtivo é aquele que trabalha enquanto produtor de mercadorias e desigualdades sociais, ele próprio como mercadoria (corpo-objeto), sobretudo quando aparece sob a forma de valor de troca. Sendo assim, o corpo que trabalha ao produzir mercadorias e, mercadorizando-se, se coisifica. Perde, portanto, a sua especificidade e o vínculo estreito que mantinha com a subjetividade do trabalhador, deixando de ser o metabolismo entre o homem e a natureza, para plasmar uma outra identidade, uma outra subjetividade: a de vendedor da força de trabalho<sup>10</sup>.

O processo de formação dos trabalhadores e trabalhadoras

6 SADER, Emir. **7 Pecados do capital**. Rio de Janeiro: Record, 2000, p.41-65.

7 ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho**. Campinas, SP: UNICAMP, 1995.

8 RUBIN, Isaak Illiuch. **A teoria marxista do valor**. São Paulo: Polis, 1987.

9 GUÉRY, François; DELEULE, Didier. **Le corps productif**. France: Reères-Mame, 1972. Tradução de Giovanina de Freitas Olivier, 1999 (mimeo).

10 CODO. Wanderley (Org.). **Indivíduo, Trabalho e Sofrimento: Uma Abordagem Interdisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 1993.

da educação (professores e professoras de Educação Física), quer seja na licenciatura, quer no bacharelado, está imerso nas crises cíclicas ou “crise estrutural do capital”, cujas marcas agudamente destrutivas para a humanidade inerentes ao sistema sociometabólico do capital. Estas marcas, estão, indelevelmente impressas no âmbito do trabalho, educação, meio ambiente, lazer e nas diversas instâncias da vida social<sup>11</sup>. Os reflexos da crise podem constatados na perspectiva da luta política e de classes, tanto em nível nacional, quanto internacional. No Brasil, os professores estão em greve em dezessete estados neste momento, todos insatisfeitos com as políticas educacionais neoliberais<sup>12</sup>. Há neste sentido uma onda de protestos contra os cortes para a educação em diferentes níveis de governo e, aliado a isso, há proposta de o governo parar de pagar a dívida pública e investir 10% do PIB no setor.

No plano internacional, destaca-se a luta por democracia nos países árabes, por trabalho e efetiva cidadania. Na Europa, os

trabalhadores tem realizado greves em seus respectivos países, intensificando suas reivindicações por políticas públicas de trabalho, moradia, educação, entre outras. Um exemplo disso é a greve da juventude da Espanha, propagada pelas diversas mídias, mostrando que os jovens saíram às ruas tendo como lemas “democracia real, já, não somos mercadorias nas mãos de políticos e banqueiros” e “La crisis que lo paguem los capitalistas”.

Esse caráter cíclico da crise estrutural do capital pode ser demarcada pelo processo de “acumulação flexível”<sup>13</sup> que se traduziu na “reestruturação produtiva”, iniciada em 1973 e impactando o embate entre capital e trabalho até os dias atuais. Isto se verifica na relação capital-trabalho e a reestruturação produtiva, cujas táticas de organização do mundo do trabalho visam a manutenção dos traços hegemônicos das relações capitalistas de produção da vida com base no lucro, na propriedade privada e na superexploração da força humana de trabalho<sup>14</sup>. A acumulação flexível faz com que

11 MÉSZÁROS, István. **Crise estrutural do capital**. São: Boitempo, 2009.

12 A principal reivindicação dos atuais movimentos do magistério público brasileiro é tão somente o cumprimento da lei federal que instituiu, há mais de dois anos, o Piso Nacional para os Professores da Educação Básica.

13 HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1998.

14 TAFAREI, Celi Nelza et al. **Como iludir o povo com o esporte para o público**. In: SILVA, Maurício Roberto (org.). **Esporte, Educação, Estado e Sociedade: As políticas públicas em foco**. Chapecó, SC: Argos, 2007.

o patronato exerça maior poder sobre os trabalhadores através da ampliação do controle do capital sobre o trabalho. Deste modo, os trabalhadores acuados pelo aumento dos níveis de desemprego e da “precarização flexível” vêem seu poder sindical diminuir diante das ofensivas patronais e estatais (cooperação das centrais sindicais) contra os direitos trabalhistas conquistados no limiar do século XX<sup>15</sup>.

Todo esse processo destrutivo tem fortes conseqüências, em todos os setores da vida social, provocando um “derretimento dos poucos laços de sociabilidade que foram vigentes na era taylorista-fordista”, forjando, assim, uma vida sem sentido “dentro” e “fora” do trabalho<sup>16</sup>. Essa crescente destruição das forças produtivas pode ser pensada a partir da “nova morfologia do trabalho” e suas formas de intensificação laborais. Estamos nos referindo ao “aviltamento do trabalho”, cujo espetáculo se esparrama por todas as partes, disseminando a idéia de “inclusão produtiva” na

precarização flexível. Assim, no âmbito da “riqueza e miséria do trabalho”, é possível ver um enorme de trabalhadores, “incluídos até a medula”<sup>17</sup> nos diversos mundos da exploração e do trabalho precário. Os exemplos podem ser os mais diversos, tais como: trabalho escravo no campo; nos rincões do latifúndio; exploração do trabalho de crianças e jovens; o trabalho na indústria automotiva do Brasil; o trabalho terceirizado e precarizado (informalizado) em indústrias e empresas transnacionais e brasileiras, bancos, empresas de telecomunicações, telemarketing; além do trabalho nos bancos, espetáculos artísticos e culturais, indústrias de calçados, e outros mundos do trabalho<sup>18</sup>. No final do ano passado, a Folha de São Paulo descreveu a degradação do trabalho imigrante, especialmente boliviano, nas empresas de confecção em São Paulo. Jornadas de até 17 horas diárias em troca de casa e comida. Trabalho imigrante no limite da condição degradante e insalubre. Assim como esses, outros

15 MÉSZÁROS, István. **Desafio e o fardo do tempo histórico**. São Paulo: Boitempo, 2007.

16 ANTUNES, Ricardo. Editorial (Revista Katálysis). Florianópolis: **Revista Katálysis**, Editora da UFSC, vol.12, nº2, julho/dezembro de 2009.

17 FORRESTER, Viviane. **O Horror Econômico**. São Paulo: Ed.Universidade Estadual Paulista, 1997.

18 ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

ANTUNES, Ricardo. **Dimensões da precarização estrutural do trabalho**. In: DRUCK, Graça; FRANCO, Tânia. **A perda da razão social do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2007

ANTUNES, Ricardo. **O que temos a comemorar?** Folha de São Paulo, 02/05/2008.

exemplos podem ser mencionados: “chicanos” nos EUA, decasséguis no Japão, “gastarbeiters” na Alemanha, “lavoro nero” na Itália, “brasiguaios” no Paraguai – e uma lista enorme de explorações e precarizações que se estende por todo mundo. Isso tudo sem falar dos desempregados do Leste Europeu que invadem o “pequeno canto do mundo” ocidental em busca dos restos do labor. Há indicações da mudança do fluxo migracional, fazendo com que os deserdados do Sul tentem, dramaticamente, furar os bloqueios do Norte, cujo exemplo mais abjeto é o muro da vergonha que separa os EUA do México.

Os exemplos são infindáveis. Os capitais transnacionais livres e trabalhadores nacionais cativos, num mundo cada vez mais maquinal, informacional e digital, forjam o chamado “cybertariado” (Ursula Huws), ou seja, o trabalhador qualificado da era da cibernética que vivencia as condições do velho proletariado (“Infoproletariado”). Nesta mesma perspectiva, a informalização, dada pela perda de liames contratuais de trabalho, vem aumentando em escala global, num contexto de ampliação de todas as formas de precarização e terceirização. Isso tudo termina por gerar as mais diferentes formas de trabalho precário, as quais se desenvolvem

com a chamada polivalência da era flexível. Por exemplo: no Japão, jovens operários migram em busca de trabalho nas cidades e dormem em cápsulas de vidro, do tamanho de um caixão. São os operários encapsulados. Do outro lado do mundo, na nossa América Latina, encontramos trabalhadoras domésticas (mulheres e crianças) que atingem a jornada semanal de 90 horas de trabalho, com um dia de folga ao mês (Mike Davis), numa era em que poderíamos trabalhar dez vezes menos, se a lógica predominante não fosse tão destrutiva para a humanidade que depende de seu trabalho para sobreviver.

De acordo com o autor, essa é a realidade concreta do mundo do trabalho na atualidade. Somando-se a todo esse quadro de precarização, crescem com bastante força os “trabalhos voluntários”. Hoje, muitos trabalhadores para obterem empregos, são, praticamente, “obrigados” a realizar trabalhos “voluntários”. Some-se a isso tudo a explosão do número de estagiários (ou “escraviários”), candidatos prestes a roubar um trabalho efetivo com remuneração de escravo. Também se verifica as diversas manifestações de desigualdade de gênero, que leva, ainda, as mulheres a trabalharem mais, como no telemarketing, com menos direitos e reduzida

remuneração<sup>19</sup>. Além disso, as diferenciações étnicas e raciais, em cujo cerne se amalgama o racismo e as imbricações entre classe, raça/etnia. Com efeito, essas idiosincrasias do mundo do trabalho no capitalismo não está dissociado das especificidades das práticas corporais da Educação Física, Esporte e Lazer. Essas questões, situadas nas tensões entre trabalho e capital, estão intimamente relacionadas à produção material da existência, considerando as contradições e dilemas enfrentados trabalhadores e de todas as categorias e, é claro, pelos trabalhadores e trabalhadoras da Educação Física brasileira.

Diante do exposto, cumpre reconhecer a relevância do debate sobre o tema do trabalho na Educação Física neste número, diante do velado e explícito patulhamento ideológico e preconceito pós-moderno contra os intelectuais que abordam os pressupostos teórico-metodológicos do materialismo histórico-dialético. Esse fato não se verifica apenas na Educação Física, mas em diversas instâncias acadêmicas das ciências sociais e humanas e outras, sobretudo, quando está em jogo pareceres de revistas científicas, bancas de concurso público, defesas de teses

e dissertações. Nessas instâncias acadêmicas, aquelas produções do conhecimento que se posicionam contra-ideologicamente ou “para além do capital” são tachados como “ideológicos”. Enquanto isso, vão se perpetuando os consensos e a “ideologia” que perpetua o capitalismo neoliberal.

Quando se trata da problemática do trabalho, recorrendo ao aparato teórico-metodológico do marxismo, há, salvo exceções, uma forte tendência conservadora no sentido de amenizar as análises sobre os efeitos destrutivos do desemprego e da precarização flexível do mundo do trabalho, tendo como resposta política a chamada “inclusão produtiva”. Mediante o exposto, este número, juntamente com o próximo, poderá se constituir numa antologia de caráter exploratória, para debater as questões inerentes ao mundo do trabalho na Educação Física formal (escola), não-formal (movimentos sociais organizados) e informal (clubes, academias etc.).

No entanto, há de se reconhecer que grande parte dos preconceitos contra o materialismo histórico-dialético na Educação Física se dá em razão da curta trajetória da apropriação do marxismo por esse campo de intervenção

19 NOGUEIRA, Cláudia Mazzei. **Trabalho duplicado; a divisão social do trabalho e sua reprodução: um estudo das trabalhadoras do telemarketing.** São Paulo; Expressão popular, 2006.



pedagógica. Há, de um lado, entre os intelectuais que se proclamam marxistas, uma profusão de correntes marxistas, o que é saudável. De outro lado, há confusão teórica, cujas consequências resultam numa crítica distorcida do pensamento marxista, principalmente quando algumas matrizes teóricas se rotulam como “críticos” ou “progressistas”; ou mesmo se baseiam num marxismo vulgar e sem articulação da teoria com a prática pedagógica da Educação Física. Urge lembrar que essa diversidade de abordagens, nas décadas de 80 e 90, foi tomada, generalizadamente, como sinônimo do chamado pensamento “progressista” ou “crítico”. Somem-se a todo esse imbróglio epistemológico e ideológico, quando se fala dos preconceitos contra o marxismo na área, os chamados por James Petras “intelectuais em retirada” (ex-marxistas) e, fundamentalmente, os intelectuais neoliberais signatários do “pensamento único”, ou melhor, pós-modernos.

José Paulo Netto<sup>20</sup> afirma que nosso tempo tem implicado uma tentativa de apagamento do marxismo da teoria social explicadora do real. Desde sempre, o projeto político burguês tentar diminuir

a possibilidade de ser o marxismo a teoria social orientadora da ação política concreta dos trabalhadores, permitindo a esses que compreendam como grande parte de suas dificuldades de obterem sua existência e se apropriarem dos frutos de seu trabalho estão relacionados com a dinâmica de funcionamento da sociedade capitalista. Isso implica na presença notória ou implícita de um antimarxismo reinante nos meios acadêmicos, mas não apenas. Nota-se uma presença significativa de trabalhos acadêmicos, reportagens de jornais, colunas em revistas cujo conteúdo é o descrédito do que chamam de marxismo, ainda que em geral sem recorrer à textualidade para contrapor. Esse quadro aumenta a responsabilidade daqueles que seguem na “trilha impenitente do marxismo”, para usar uma expressão do autor supramencionado. Com base nisso, resta-nos o desafio proposto por Perry Anderson ao propor a recuperação da capacidade crítica do marxismo ocidental, apropriando-se com profundidade do movimento real da história contemporânea e apontado com compromisso efetivamente militante para as propostas superadoras<sup>21</sup>.

20 NETTO, José Paulo. **Marxismo Impenitente**. Contribuição à história das idéias marxistas. São Paulo: Cortez, 2004.

21 ANDERSON, Perry. **Afinidades eletivas**. São Paulo: Boitempo, 2002.

Diante de polêmicas, utopias e desafios, impõem-se os reclamos de muitos autores marxistas da Educação Física sobre a patrulhamento ideológico, imposto pelas universidades, através de seus centros e departamentos e nas instâncias de produção e socialização do conhecimento. Sendo assim, esses intelectuais encontram na Motrivivência, desde sempre, a oportunidade de realização de crítica fundamentada e qualificada à lógica do capital. “Convém destacar que a Motrivivência nunca foi um projeto editorial claramente marxista, estando sempre aberta para confrontar criticamente as diferentes correntes do pensamento que a Educação Física abarca”. Contudo, apesar desta “abertura” epistemológica, é fundamentalmente nos seus editoriais, que a revista assenta-se inspirados nos pressupostos teórico-metodológicos do materialismo histórico-dialético, conforme afirmou Taffarel por ocasião das comemorações dos 15 anos da revista<sup>22</sup>:

Tais editoriais anunciavam a partida em busca do novo, do inédito, do libertário, a defesa da democracia e a disposição de enfrentar concepções errôneas,

de olhar o Nordeste, a partir da dimensão geopolítica e não somente geofísica. [...] **Demarcar-se assim, a partir da linha editorial da MOTRIVIVÊNCIA, a sua própria identidade** - a luta em busca da superação do que gera a miséria humana, a pobreza, a injustiça.[...] Com uma **posição teleológica clara - a partir da crítica ao real** - com uma judicatividade **anunciada, posição de classe - as classes populares - diagnosticava-se a miséria, a pobreza, a destruição da humanidade** (grifos nossos).

Na verdade esta revista, sobretudo, nas quatro edições da fase sergipana<sup>23</sup> não transmitia tanta clareza epistemológica em termos da opção pela concepção materialista da história. O que marcou a revista desde o começo foi a sua posição enquanto “crítica” e “progressista” e não enquanto um periódico essencialmente marxista. Esses dilemas epistemológicos da década de 80 e 90 não foram exclusivos à Educação Física. Pelo contrário, o cerne dessas questões foram travados com certa intensidade no interior das ciências humanas, sobretudo, na Educação. Neste contexto, em nível de pensamento de esquerda,

22 TAFFAREL, Celi, Nelza Z. **O que não me mata me deixa mais vivo**. Revista Motrivivência: 15 anos. Ano XV, nº 20-21, dezembro/2003.

23 A fase sergipana da Motrivivência abrange as edições nº 1, 2, 3 e 4.

o marxismo já era e continua sendo, indubitavelmente, a manifestação mais vigorosa em face aos problemas sociais, políticos e econômicos do Brasil e da América Latina. No entanto, nessas circunstâncias, insurgiu-se uma espécie de modismo marxista que implicava numa adesão acrítica e, muitas vezes, sectária, a esta corrente de pensamento. Essa dimensão da crítica marxista no período da fase de criação e concepção da revista em Sergipe (1989 a 1993) era realizada a partir de uma “adesão acrítica” a algumas categorias do materialismo histórico dialético, sem levar em conta a radicalização dos conceitos e categorias deste método; transformando-o numa base teórica permeada de interpretações reducionistas e dogmáticas<sup>24</sup> que a onda marxista do momento, o ímpeto militante e o ativismo político-pedagógico imprimia.

Antes de finalizar, chamamos a atenção para a entrevista antológica concedida à Motrivivência na sessão Ponto de Vista pelo reconhecido sociólogo do trabalho, professor Ricardo Antunes. Também queremos destacar a homenagem especial deste número dirigida à professora Celi Nelza Zulke Taffarel, uma mulher de fibra e emblemática pela sua militância política,

pedagógica e científica, tanto nos movimentos sociais e sindicatos, quanto na universidade pública. Ela é uma referência teórica marxista incontestável para a Educação Física e Educação desde os anos 80 até os dias atuais.

Por fim, cumpre ressaltar que, devido à grande quantidade e qualidade de artigos recebidos, estaremos publicando, no número 36, mais uma edição temática sobre Educação Física, Esporte e lazer e o Mundo do Trabalho (II). Até lá, então. Boa leitura!

Florianópolis, junho/2011.

Maurício Roberto da Silva e  
Giovani De Lorenzi Pires  
(Editores)

Marcelo de Paula Melo  
(Editor associado)

---

24 SAVIANI, Dermeval. **Interlocuções pedagógicas: Conversa com Paulo Freire e Adriano Nogueira e 30 entrevistas sobre Educação.** Campinas, SP: Autores Associados, 2010.